

# Memória e Formação Universitária: vivências e histórias de alunas do Campus Universitário de Abaetetuba.

Rafaela Moraes Cardoso<sup>1</sup>  
Renata Moraes Cardoso<sup>2</sup>  
Roseli Moraes Cardoso<sup>3</sup>

## Resumo:

Este artigo tem por objetivo apresentar o percurso universitário, de nós, graduadas do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba através do recurso memorialístico, uma vez que sentimo-nos instigadas a iniciar um processo de reflexão sobre o ensino-aprendizagem vivenciado em sala de aula durante a graduação e se o curso de Letras contribuiu para os nossos saberes visando o exercício da docência na Educação Básica.

**Palavras-chave:** memória, formação universitária, docência.

## 1. Introdução

Rememorar é o “processo recordar/lembrar, uma segunda vivência, agora re-significada pela prática de rememoração do que já viveu” (Bosi 1994, p.20), ou seja, apontar aquilo que foi vivido e agora re-significado pela própria ação de retomar para si sua vivência.

Tomando como referência a concepção de Bosi sobre o sentido do que vem ser rememorar, abordaremos o processo de rememoração acerca das nossas trajetórias discentes, realidade esta que nos possibilitou a oportunidade de realizarmos uma reflexão sobre os

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Letras Língua Portuguesa do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará. Fui bolsista do Projeto Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e membro do Grupo de Pesquisa: Memória, Formação Docente e Tecnologias. E-mail: [moraesrafaela@rocketmail.com](mailto:moraesrafaela@rocketmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Pesquisa: Memória, Formação Docente e Tecnologias. E-mail: [renatamoraes16@yahoo.com](mailto:renatamoraes16@yahoo.com)

<sup>3</sup> Graduada do Curso de Letras Língua Portuguesa do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará. Fui bolsista do Projeto Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e membro do Grupo de Pesquisa: Memória, Formação Docente e Tecnologias. E-mail: [moraesroseli@hotmail.com](mailto:moraesroseli@hotmail.com)

nossos conhecimentos em relação ao processo ensino-aprendizagem a partir das experiências vivenciadas em sala de aula durante a graduação.

Nesse sentido, utilizamos a metodologia da História Oral. A história oral é uma narrativa histórica que tem a preocupação em refazer (contar/narrar) a trajetória de uma pessoa, de um determinado tempo, dos fatos relevantes que vêm à memória do autor, como formas de produzir as interpretações acerca da realidade em que se encontra o sujeito que narra. Sendo assim, como exercício memorialístico, escrevemos nossas trajetórias universitárias no curso de graduação, após esse registro tomamos como princípio entrecruzar nossas memórias tecendo um texto que traduzisse nossas histórias, memórias e trajetórias no curso.

Ao resgatarmos a memória re-significada, estamos tendo a oportunidade de relembrar toda a nossa trajetória universitária a partir do nosso próprio olhar, “onde o outro não é espelho, ele mesmo reflete-se no espelho chamado vida, e vê a imagem agora projetada pelo seu devir (SILVA et. alii, 2011, p.32). Para Ferreira e Biasoli,

História de vida tem sido uma alternativa metodológica adequada quando se interna articular a dimensão individual, ou seja, a vida experienciada por determinada pessoa, aos fenômenos sociais mais amplos. Vida aqui não é encarada apenas como um conjunto de eventos, mas como acontecimento vivido num determinado tempo e lugar (es) e sob algumas circunstâncias. Não se trata de uma narrativa jornalística ou de cunho literário. A história de vida vai além do enfoque pessoal do que está sendo narrado. Ao focalizar o indivíduo, é necessário dimensioná-lo no contexto mais amplo. Para isso, é necessário evitar o sentido romântico- às vezes, presente nas concepções idealistas de produzir história, a partir das quais se transformam o entrevistado em herói – e insistir nas conexões entre fatos relatados e a situação, cultural e econômica que os perpassa. Portanto, não encarar história de vida sob a lente da assim denominada racionalidade ocidental que vê o mundo como se tudo dependesse da ação humana consciente e unitária. Mas, ao contrário, perceber abordagem como uma das mais eficazes justamente por permitir que se venha a compreender, a partir da diversidade, as múltiplas especificidades que constituem a complexidade humana. (2007, p.71)

Se pensarmos em reviver a trajetória da nossa formação acadêmica como um mecanismo para entendemos o processo ensino/aprendizagem, amadurecermos e repensarmos a nossa teoria/prática e teoria/metodológica é fundamental que a compreendamos como uma partilhar de saber, onde o descoberto e o apurado partem das próprias experiências vivenciadas diariamente durante a graduação.

## **O percurso acadêmico**

O sonho de ingressar em uma universidade pública e gratuita, principalmente quando diz respeito à Universidade Federal do Pará, devido o seu reconhecimento e a sua grandiosidade no ensino, pesquisa e extensão na região norte é que nos move a sermos determinados e persistentes no ingresso ao ensino superior. Pois, com o término do ensino médio finaliza-se o ciclo da educação básica e se inicia a formação profissional, onde é o momento de escolhermos nossos destinos como futuros profissionais para termos um lugar no ao dispa mercado de trabalho.

Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato [...] Ou toca, ou não toca.

(In Clarice Lispector)

Inspiradas em Lispector nesse início de viagem é importante registrar que a nossa chegada ao curso de Letras se alcançou pelo Processo Seletivo Especial-PSE<sup>4</sup> em julho de 2007, concentrando num período de quatro anos dentro de um âmbito institucional que tem por objetivo formar profissionais, esse era o nosso propósito inicial, profissionais da educação, futuras professoras de Língua Portuguesa, mas logo percebemos que a caminhada seria longa e árdua até o dia da Outorga e assim foram os quatros anos de graduação.

Nosso sentimento de universitárias se resumia em uma sala de aula, um quadro branco, carteiras, os colegas de turma, os professores e os inesgotáveis textos acadêmicos que fundamentavam nossas memoráveis aulas numa Escola Técnica de Formação Açaí no município de Igarapé-Miri, turma que foi fruto de um acordo entre o Campus Universitário de Abaetetuba-UFGPA e a Prefeitura Municipal de Igarapé-Miri. Conseqüentemente, o município torna-se núcleo do Campus.

Os semestres passavam e as nossas frustrações aumentavam, principalmente, em relação à infra-estrutura, pois não tínhamos biblioteca, laboratório de informática, lanchonete, banheiros separados para homens e mulheres o uso era coletivo, a falta de energia e água era constante e sem contar a localização da escola que exigia que sempre andássemos em grupo, por essa razão nós nos sujeitávamos a qualquer espaço educacional que ficasse próximo o centro da cidade, estudamos em várias escolas municipais, na Escola Estadual Manoel Antônio e numa escola de informática, onde a prefeita alugou uma sala por cinco meses.

---

<sup>4</sup> PSE Processo Seletivo Especial destinado ao preenchimento de vagas que não alcançam os requisitos exigidos pelo edital do Processo Seletivo da Universidade Federal do Pará.

Esses fatores geraram também como consequência a resistência por parte dos professores para não ministrarem as disciplinas no núcleo de Igarapé-miri.

As dificuldades, o cansaço e o medo foram sempre os obstáculos, mas não o suficiente para desistirmos, pois tínhamos uma meta a cumprir, como diria nosso eterno Camões em sua obra Os Lusíadas é preciso “navegar em mares nunca antes navegados”.

Em dois mil e nove (2009), após dois anos de graduação tomamos uma nova postura precisávamos fazer algo que na nossa essência brotasse um sentimento de universitárias, que transformam seus conhecimentos adquiridos em ações, pois ainda carregávamos nas costas o ensino médio e era preciso romper esse “cordão umbilical” com a educação básica. E assim fizemos jus ao nosso desejo, fomos buscar fora o que não víamos dentro da sala de aula. Sábias palavras de Lispector:

“Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada”.

(Clarice Lispector)

Desse modo, envolvemo-nos em vários projetos, começando como voluntárias no Projeto de Pesquisa e Extensão “Literatura em cena”, coordenado pela professora Sarmento-Pantoja, onde desenvolvemos a Oficina “Formação do Leitor” na Escola Estadual Leônidas Montes no município de Abaetetuba para alunos devidamente selecionados pela escola para o projeto.

No ano seguinte, em 2010, novos rumos foram trilhados e nos tornamos bolsistas do projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência), financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), coordenado pela professora M. Loureiro e sub-coordenado pela professora Duarte Oliveira, sendo a escola lócus a Escola Basílio de Carvalho no município de Abaetetuba.

“Eu queria iniciar uma experiência e não apenas ser vítima de uma experiência não autorizada por mim, apenas acontecida. Daí minha invenção de um personagem. Também quero quebrar, além do enigma do personagem, o enigma das coisas”.

(Clarice Lispector)

Dessa forma, parafrasear Clarice Lispector nos incentivou a iniciar um processo de troca de experiências e descobertas, assim nossa atuação no Campus se tornou frequente, participamos de quase ou se não de todos os eventos realizados pelo grupo de pesquisa PIBID

e pelo próprio Campus Universitário. Ainda não satisfeitas, também no ano de 2010 começamos a participar do Grupo de pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia, coordenado pela professora Duarte Oliveira, que tem como foco central discutir o papel da memória na formação dos professores.

A caminhada chegava ao fim, sonho concretizado e no dia vinte e seis de agosto de dois mil e onze, a Universidade Federal do Pará apresentou ao povo miriense os novos Licenciados em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, entretanto motivadas pela formação continuada, pelo desejo de aprofundar nossos conhecimentos sobre a ferramenta memória e por acreditarmos que educação de qualidade se constrói com professores comprometidos com a causa e que estão sempre em busca de novos conhecimentos, que hoje, ainda continuamos no GEPEM (Grupo de Estudo e Pesquisa em Memória). Realizamos formação no campo dos estudos e pesquisa sobre memória de professores através de leituras de textos que fundamentavam a ferramenta memória como dispositivo emancipatório para as suas práticas educativas.

Nesse sentido, Josso mostra a importância de conhecer a trajetória pessoal e profissional dos professores, a partir da história de vida, em que ela diz:

O entendimento de sua trajetória de vida é de fundamental importância para os próprios professores, pois conhecer-se biograficamente é caminhar para si. A história de vida como revisitação dos elos que nos habitam, é preciso ser capaz de desatar nosso passado para nos atarmos com eles abrindo possibilidades (In: Josso, 2006, p.376).

Desse modo, quando buscamos registrar o nosso percurso acadêmico, segundo Josso, temos a possibilidade de fazer uma releitura sobre a nossa formação, como iniciou o processo de ensino-aprendizagem e ter um olhar crítico das discussões teóricas realizadas dentro da sala de aula, trazendo para o presente a nossa memória como ferramenta de discussão de conhecimento, uma vez que quando nos conhecemos reconhecemos nossas dificuldades, o que precisa ser melhorado e, conseqüentemente, ter uma nova postura quando atuarmos como docentes.

## **A Formação acadêmica**

É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil. (Freire 1996, p.134)

Estimuladas a fazermos uma releitura, a partir da memória, da nossa trajetória universitária sobre o ensino-aprendizagem durante a graduação, nos questionamos: Será que o curso de Letras contribuiu no campo teórico-metodológico para os saberes necessário para o exercício da docência na Educação Básica?

É importante ressaltar que não queremos aqui julgar o curso de Letras ou as teorias/práticas dos nossos professores, mas sim refletir o nosso sentimento de vulnerabilidade diante da nossa teoria/prática de docente de Língua Portuguesa dentro da realidade da Educação Básica da nossa região e a partir dessa reflexão traçar um perfil de docentes que visa conscientemente o exercício da docência.

Marcadas pelo sentimento de frustração durante a graduação, devido a gama de fatores anteriormente elencados, pois fomos “vítimas” de uma grande parceria que só existiu no papel entre Instituição e Prefeitura, nossos saberes consistem nas nossas experiências vivenciadas no dia-a-dia. Para Maurice Tardif

Em sua prática, os profissionais devem se apoiar em conhecimentos especializados e formalizados, na maioria das vezes, por intermédio das disciplinas científicas em sentido amplo, incluindo, evidentemente, as ciências naturais e aplicadas, mas também as ciências sociais e humanas, assim com as ciências da educação. Esses conhecimentos especializados devem ser adquiridos por meio de uma longa formação de alto nível, a maioria das vezes de natureza universitária ou equivalente (1999, p. 6).

Com base em Tardif buscamos verificar a nossa prática docente durante a graduação. No curso de Letras as disciplinas que compõem a grade curricular se centralizaram nas pesquisas de um determinado assunto, em produções científicas, como: artigos, resenhas e outros; nos seminários, nos debates, nas oficinas e nas rodas de discussão, essas metodologias contribuíram para adquirirmos um acervo teórico e um amadurecimento intelectual.

Recordemos as aulas de literatura; os fundamentos literários, os teóricos, as escolas literárias, os poetas, ou autores, os romances, os contos, as cantigas e as poesias toda essa gama literária nos acompanhou durante a graduação. Então, sendo Literatura a “expressão dos conteúdos de ficção ou da imaginação, por meio de palavras polivalentes ou metáforas” (Dicionário de termos Literários. Massaud Moisés, 1928) fomos provocados a discutir a concepção dos teóricos sobre uma determinada escola literária e sobre os seus gêneros literários, quais as rupturas e seus paradigmas. Entretanto, não discutimos a fundo o real interesse da escola de ensino fundamental e médio sobre o ensino da literatura e qual

perspectiva do aluno quando diante de um texto literário, princípios que nortearam nossas aulas.

No que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa, destacamos o campo da gramática normativa (obrigatória na educação básica), pois a superficialidade que as disciplinas (morfologia e sintaxe) foram trabalhadas não correspondeu as nossas expectativas, uma vez que éramos bombardeadas de teorias que se concentravam apenas em discussões e não em propostas concretas.

Tornamo-nos graduandos completamente acomodados, acomodados com a situação a qual estávamos sujeitos e isso fazia com que não tomássemos uma nova postura e acabava refletindo no nosso ensino, como: nos trabalhos mal elaborados e apresentados, a falta de estímulos com uma nova disciplina e a falta de expectativa em relação a um novo professor.

Ao recordarmos as nossas aulas nos faz pensar que ainda não estamos preparadas para o dia-a-dia da sala de aula, em que os nossos saberes que visam o exercício da docência estão restritos a mera reprodução de textos, que nem sempre se corporificam com o ensino e a realidade da nossa região. Quanto a esta realidade Davis e Gatti argumentam que

A prática pedagógica das professoras está ligada vitalmente à compreensão da práxis educativa e da complexidade do processo educativo e das relações em que ele se estabelece. É somente a partir dessa compreensão que se pode realizar a mudança de postura docente, superando-se o tradicional, pautado apenas na repetição e na memorização de conteúdos, e realizando-se um trabalho pedagógico em que o conhecimento não seja parte viva de sua aprendizagem, gestada na dúvida, na pergunta, no questionário, na ansia e na vontade de aprender e descobrir o mundo. Daí a importância e o caráter fundamental do papel que o docente exerce na construção do saber; cabe-lhe a função de mediador entre os alunos e o conhecimento (Gomes, 1993, p.153).

Em consonância, que postura tomarmos, uma vez que as disciplinas não atenderam as nossas perspectivas tanto no campo da literatura quanto no campo da Língua Portuguesa quando obrigatórios na Educação Básica. Assim, recorreremos ao que Paulo Freire (1996) sugere que “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

De fato, compreendemos que supridas ou não as nossas expectativas sobre o curso de Letras assumimos o compromisso de docentes e a nossa atuação de forma consciente nos dará a oportunidade de intervirmos nas vidas de nossos alunos e na sociedade, pois para Freire o processo de ensinar

Que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade da ousadia de quem quer fazer professora, educadora, é a disposição pela busca justa, lúcida (Freire 1997, p. 09).

Desse modo, surge a necessidade do autoconhecimento que consiste no reconhecimento das nossas dificuldades nos saberes que visam nossa atuação no exercício da docência. Além do sentimento de paixão pela docência que envolve o prazer e o compromisso com a educação de nossos alunos, a busca pela formação continuada que está relacionado ao aperfeiçoamento ao processo de ensino-aprendizagem, tornando-se um docente pesquisador e como lidarmos com os problemas cotidianos de sala de aula e encontrarmos soluções. Sendo assim para Paulo Freire

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica (Freire 1996, p. 45).

Portanto, ao tomarmos a rememoração como um processo importante para formação docente, partimos da análise de como essas lembranças acadêmicas de sala de aula contribuíram para a re-significação das nossas práticas escolares numa perspectiva emancipatória, uma vez que quando valorizamos a nossa memória, agora re-significada, valorizamos a nossa trajetória acadêmica como possibilidade de reflexão sobre a nossa postura docente.

### **Considerações finais**

Motivadas pela participação no Grupo de Estudo e Pesquisa em Memória (GEPeM) e pelo um sentimento de comprometimento com a educação da nossa região realizamos um estudo memorialístico sobre as nossas trajetórias durante a graduação, buscando de forma reflexiva uma releitura sobre o nosso percurso acadêmico e, conseqüentemente, sobre o ensino-aprendizagem visando o exercício da docência.

Relembrar o nosso percurso acadêmico é nos dá a possibilidade de trazer para o presente as nossas memórias, ora marcadas pelo sentimento de frustração, ora pela experiência de fazer parte de um âmbito institucional de nível superior. Com efeito, esse



estudo sobre a nossa trajetória acadêmica nos possibilitou iniciar um processo de reflexão sobre os nossos saberes quando condicionados a educação básica e repensar as nossas práticas docentes como futuras professoras de Língua Portuguesa. Inspiradas em Freire compreendemos que “a boniteza da prática docente se compõe de anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético” (1996, p.95). E vamos além “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (Freire, 1996, p.85).

Assim, temos a consciência que não estamos cem por cento aptas para assumirmos a docência, pois entendemos que sempre haverá a necessidade de repensar e reelaborar a trajetória da teoria/prática e da teoria/metodológica de sala de aula, por isso podemos afirmar que ao fazermos memória da nossa vida acadêmica não refletimos só o nosso percurso de acadêmico ou a postura que tínhamos enquanto discentes em sala de aula, abordamos as nossas dúvidas e a insegurança de não estamos a altura do nosso compromisso, mas também retratamos o que acreditamos ser necessária para nos tornamos educadores competentes e comprometidos.

### **Referências Bibliográficas**

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade- lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

DAVIS, Cláudia e GATTI, Bernadete. **Questões sobre o desempenho de alunos de escolas rurais no nordeste e o seu contexto sociocultural**. In: THERRIEN, Jacques e AMASCENO, Maria Nobre (cords.). Educação e escola do Campo. Campinas/SP: Papyrus, 1993, p. 137-173.

ELIAS, L. G. D. **Memórias de professoras Ribeirinhas**. In: ELIAS, L. G. e OLIVEIRA, M. R. e FERNANDES, R. (orgs.). Memória e Docência: experiências formativas em Abaetetuba. Abaetetuba (PA): Literacidade, 2011, p. 13-25.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

Moisés, Massaud. **Dicionário de termos Literários**. 12. Ed. Ver. E ampl. \_\_ São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. **Professora Sim, Tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'água, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Os Lusíadas,** de Luiz Vaz de Camões. Editora.

SILVA, Deusinaldo. **Rememoração Docente: possibilidade de um fazer educativo emancipatório.** In: ELIAS, L. G. e OLIVEIRA, M. R. e FERNANDES, R. (orgs.). Memória e Docência: experiências formativas em Abaetetuba. Abaetetuba (PA): Literacidade, 2011, p. 27-33.

TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimento universitários.** Revista Brasileira de educação.